

## Passos pequenos: infâncias migrantes na ficção literária<sup>1</sup>

### *Small Steps: Migrant Childhoods in Literary Fiction*

Rosana Kohl Bines<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga o papel epistêmico da imaginação literária na produção de imagens plurais de crianças migrantes e refugiadas e na crítica a enquadramentos humanitários que tendem a retratá-las sob o signo da passividade e da tutela. A partir de uma fotografia do UNICEF e do poema *Vietnã*, de Wislawa Szymborska, discutem-se estratégias visuais e discursivas de silenciamento da infância em contextos de fuga, bem como possibilidades de ruptura desses enquadramentos. A reflexão propõe um diálogo interdisciplinar com a filosofia, os direitos humanos, a antropologia e a literatura, sendo enriquecida por dados de um projeto de extensão com estudantes venezuelanos no Rio de Janeiro. A mediação de leitura, nesse contexto, possibilitou a emergência de “arquivos miúdos”, narrativas fragmentárias, memórias e afetos, que escapam aos registros oficiais de refúgio e tensionam imagens hegemônicas da infância migrante. Esse material é posto em conexão com um corpus composto por três livros ilustrados: *Eloísa e os bichos*, *A mala* e *Barco de histórias*. Ao levantar hipóteses de leitura que privilegiam pontos de vista menores, sugere-se que a literatura para infâncias pode configurar uma contracena ética, capaz de interrogar a vitimização e reconhecer as crianças como sujeitos políticos desejantes e interlocutoras efetivas do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Infância migrante. Livros ilustrados. Refúgio. Imaginação literária. Estética e política.

**Abstract:** This article examines the epistemic role of literary imagination in shaping plural images of migrant and refugee children and in critiquing humanitarian frameworks that tend to portray them under the sign of passivity and tutelage. Drawing on a UNICEF photograph and the poem *Vietnam* by Wislawa Szymborska, it discusses visual and discursive strategies that silence childhood in contexts of displacement, as well as possibilities for disrupting such frameworks. The reflection advances an interdisciplinary dialogue with philosophy, human rights, anthropology, and literary studies, informed by data from an outreach project conducted with Venezuelan students in Rio de Janeiro. In this context, reading mediation enabled the emergence of “minor archives”, fragmentary narratives, memories and affects that escape official refugee records and challenge hegemonic images of migrant childhood. This material is brought into dialogue with a corpus composed of three picturebooks: *Eloísa and the Creepy Crawlers*, *The Suitcase*, and *Story Boat*. By privileging minor points of view, the article suggests that children’s literature can constitute an ethical counter-scene capable of interrogating victimization and recognizing children as desiring political subjects and effective interlocutors in the contemporary world.

**Keywords:** Migrant childhood. Picturebooks. Refuge. Literary imagination. Aesthetics and politics.

<sup>1</sup> O presente artigo resulta de conferência homônima, proferida no dia 17 de setembro de 2025, em formato remoto, no VI Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais – Fronteiras, deslocamentos, migrações – realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul. Este trabalho foi desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo nº 304467/2019-7 (Projeto “Narrativas de deslocamento e refúgio: o que contam as/às crianças”).

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Letras e Artes da Cena da PUC-Rio e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da mesma universidade. É coordenadora adjunta da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (PUC-Rio/ACNUR) e do Centro Primo Levi PUC-Rio.

## Introdução

Este artigo toma como ponto de partida uma fotografia disponível no site do UNICEF (*United Nations International Children's Emergency Fund*), que tenho revisitado em diferentes contextos de pesquisa e docência<sup>3</sup>, em razão de sua incômoda atualidade. Propõe-se a leitura dessa imagem como uma espécie de epigrama visual, capaz de condensar, com particular intensidade, uma gramática humanitária prevalente, responsável por moldar a percepção pública da cena do refúgio, especialmente no que diz respeito às crianças em situação de emergência.

**Figura 1** – Criança carregada em mala na Síria



Fonte: @unicef/UNO184301/Sanadiki  
<https://www.unicef.org/child-protection/migrant-displaced-children>

Pouco se sabe sobre a identidade das pessoas retratadas nesta imagem. Elas não são nomeadas nem contextualizadas individualmente. No site do UNICEF, a fotografia é acompanhada de uma matéria institucional sobre crianças em movimento no mundo. Inscreve-se aí um imaginário profundamente ambivalente em torno das crianças em situação de deslocamento forçado, como têm discutido diversos estudos, com destaque para o trabalho de Jacqueline Bhabha no campo dos direitos humanos das crianças migrantes.

---

<sup>3</sup> Uma versão preliminar de análise desta fotografia foi publicada em capítulo de minha autoria, intitulado “Encontros com infâncias migrantes: inquietações de pesquisa” no livro *A pesquisa em literatura e linguística: impasses do presente*, organizado por Gysele da S. Colombo-Gomes, Madalena Vaz Pinto e Victoria Wilson (Rio de Janeiro: Ed. Luzerna, 2025, p. 187-211).

Bhabha (2009) observa que essas crianças ocupam uma posição paradoxal no cenário internacional: em certos contextos, são percebidas como sujeitos vulneráveis e dignos de proteção; em outros, são enquadradas como ameaça, tornando-se alvo de criminalização e controle social. Embora sejam, em tese, sujeitos de direitos – retomando o conceito de Hannah Arendt acerca do “direito a ter direitos” (Arendt, 1989, p. 330) –, na prática os sistemas que administram suas vidas frequentemente silenciam sua voz. Projetam-se sobre elas ideais de esperança e futuridade, ao mesmo tempo em que são percebidas como potenciais vetores de perigo e delinquência, o que resulta em políticas igualmente ambíguas, oscilando entre proteção e criminalização.

Minha atenção volta-se para a arquitetura midiática que orienta esta imagem, isto é, os modos de enquadrar, selecionar, montar e dispor a cena, bem como os efeitos sensíveis que dela emergem. Trata-se de uma reflexão situada no campo da política da estética, nos termos de Jacques Rancière (2009), para quem as formas estéticas — por meio de operações de seleção e montagem — definem quem pode ser visto, ouvido e reconhecido em determinado contexto. Alterar os modos de mostrar e dizer, como sugere o autor, pode gerar dissensos, instaurar disputas de sentido, reconfigurar a partilha do sensível e abrir novas possibilidades de percepção, ação e interação no mundo, como se discutirá adiante em seção dedicada à leitura de livros ilustrados para infâncias sobre a temática das migrações.

Retomando a arquitetura específica desta imagem, a criança aparece ali simultaneamente como foco privilegiado da atenção humanitária e como figura neutralizada em sua capacidade de agência, participação e interferência nos processos que impactam sua própria vida. O menino adormecido, acomodado como um objeto inanimado dentro da mala, está e não está ali. Dormindo, encontra-se temporariamente desabilitado para testemunhar a experiência que lhe acontece. Essa suspensão da presença é justamente o que torna a fotografia tão eficaz em seu apelo à comoção: ela nos devolve uma imagem à qual relutamos em renunciar, qual seja, a do bebê inocente que dorme, *apesar de tudo*, alheio ao desespero ao redor, poupado do horror da guerra e da caminhada extenuante, graças aos cuidados do adulto que o transporta e tenta salvá-lo – ainda que nada saibamos sobre quem é esse homem, se pai, tio, vizinho ou mesmo um atravessador contratado para cruzar a fronteira com a criança.

Se por um lado, as crianças constituem um grupo fortemente amplificado pela lente humanitária, que mobiliza o dispositivo da compaixão para sensibilizar a opinião pública e

atrair doações da comunidade internacional<sup>4</sup>, por outro, são também um grupo sistematicamente silenciado nos processos migratórios e de solicitação de refúgio. Esse silenciamento contrasta com dados recentes sobre a presença expressiva de crianças em contextos de deslocamento. Segundo o relatório *Global Trends* do ACNUR, com informações até o final de 2024, crianças e jovens representam cerca de 40% da população em deslocamento no mundo. Ainda assim, nos processos de elegibilidade para a concessão do status de refugiado, o sistema permanece ancorado nas experiências dos adultos, considerados responsáveis pelo núcleo familiar. Na condução das entrevistas de solicitação de refúgio, por exemplo, nas quais se exige a comprovação de fundado temor de perseguição, apenas as narrativas dos adultos são solicitadas, ouvidas e registradas nos formulários que governam a burocracia do refúgio. Crianças e adolescentes figuram apenas como dependentes, tendo seu status deferido ou negado “por derivação”, isto é, condicionado à situação de seus responsáveis, como aponta o metódico estudo de Isabela Cantinho (2018).

O que se observa, portanto, é uma acentuada despolitização da figura da criança em movimento em contextos globais, reiteradamente tutelada e “agida” como objeto passivo da intervenção humanitária e dos dispositivos de acolhida no país de destino. As decisões que a afetam são tomadas por ela e em seu nome, frequentemente sob o argumento de seu suposto “melhor interesse”, mas com escassos espaços de consideração efetiva de suas demandas, experiências e perspectivas, a partir de sua própria voz.

### **A infância em fuga no poema**

Propõe-se, nesta seção, um deslocamento em direção à literatura, a fim de reencontrar, no registro poético, a figura ambivalente da criança como presença simultaneamente central e neutralizada nas cenas de guerra e de fuga. Esse giro permite observar como o silenciamento da infância — já identificado no campo da fotografia humanitária — reaparece, sob outras formas, na linguagem literária. Para tanto, convoca-se um poema bastante conhecido da escritora polonesa Wislawa Szymborska, intitulado “Vietnã”, na tradução de Regina Przybucien:

---

<sup>4</sup> Importa esclarecer que a presente discussão não se orienta por uma crítica ao trabalho essencial desempenhado por agências humanitárias em cenários de emergência global, tampouco busca deslegitimar suas práticas ou objetivos. O foco analítico recai, antes, sobre os enquadramentos visuais e seus potenciais efeitos de leitura em relação ao uso de imagens de crianças em campanhas humanitárias.

Mulher, como você se chama? – Não sei.  
Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.  
Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.  
Desde quando está aqui escondida? – Não sei.  
Por que mordeu o meu dedo anular? – Não sei.  
Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.  
De que lado você está? – Não sei.  
É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.  
Tua aldeia ainda existe? – Não sei.  
Esses são teus filhos? – São.  
(Szyborska, 2019, p. 2)

O ponto de inflexão do poema — seu encerramento — é também o ponto de partida desta reflexão. Novamente, nada se sabe sobre as crianças ocultas naquele buraco na terra. Quantas são? Que idades têm? Já sabem falar? Estão agasalhadas? Guardam algo no bolso para comer? Sentem medo do escuro? Como atravessam o tempo no esconderijo? Teriam sido forçadas a abandonar algum animal de estimação — um cachorro, talvez um gato, de quem sentem saudades? Gostam de ouvir histórias? Guardam algum segredo a sete chaves? Com que sonham as crianças em meio à guerra? Para onde irão quando saírem dali? Como imaginam a vida futura?

Essas perguntas se acumulam como um exercício de imaginação crítica, uma forma de prolongar o convívio com as crianças a quem o poema não nos concede acesso. No instante em que a presença dos filhos é revelada no interior do buraco, o texto poético se interrompe abruptamente, como se buscasse protegê-los do avanço intimidador daqueles homens de quem pouco se sabe, mas que se aproximam pergunta após pergunta, verso após verso. A cada nova investida, a mulher afirma nada saber sobre as circunstâncias da guerra. Suas respostas monossilábicas refletem o estado de desorientação em que se encontra. A única certeza que se mantém inequívoca é o vínculo materno que a liga aos filhos: “Esses são teus filhos? – São”.

Há uma força performativa feroz nesta palavra final do poema, que irrompe e mostra os dentes, como uma outra espécie de mordida, em gesto simultâneo de ataque e defesa em favor dos filhos. É como se a mulher dissesse, naquele momento derradeiro: daqui vocês não passam. O poema impõe, assim, uma cesura radical. Num único golpe de voz, a língua materna assoma e interrompe o interrogatório e o próprio poema, bloqueando a chegada de um novo verso e a continuidade da coerção.

Proponho pensar essa interrupção como um recado também dirigido aos leitores. O poema não nos dá acesso às crianças refugiadas, apenas as deixa entrever, indiretamente, por meio dos personagens em cena. Talvez busque, assim, protegê-las de um outro tipo de olhar

inquiridor, lembrando-nos de que não estamos imunes ao risco de constranger aqueles de quem desejamos genuinamente nos aproximar, mesmo quando o fazemos sob o signo da empatia e a partir de pautas investigativas solidárias. É com essa preocupação em vista que intitulei o artigo “Pequenos passos: infâncias migrantes na ficção literária”. A expressão “pequenos passos” não se refere apenas ao estudo dos percursos ficcionais de pequenos personagens e narradores migrantes em livros ilustrados, como será desenvolvido adiante, mas também ao ritmo do próprio estudo e à atitude metodológica que procura sustentar: caminhar pouco a pouco, de modo tentativo e cuidadoso, junto a um grupo de crianças e jovens venezuelanos em situação de refúgio no Brasil. Desde 2022, venho trocando ideias e experiências com esse grupo no âmbito de um projeto de extensão universitária, que detalho a seguir.

### **Narrar, conviver, transformar**

O projeto de extensão “Histórias de migração e refúgio no espaço escolar: narrar, conviver, transformar”<sup>5</sup>, realizado na Escola Municipal Professora Zuleika Nunes de Alencar, na zona oeste do Rio de Janeiro, surgiu de uma parceria entre a Cátedra Sérgio Vieira de Mello/PUC-Rio e o Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES/Cáritas RJ), com apoio da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio. A iniciativa buscou articular os saberes da escola, da universidade e da sociedade civil em uma agenda colaborativa voltada à proteção dos direitos humanos das populações refugiadas.

O projeto nasceu a partir de demandas da própria escola, que identificou situações cotidianas de preconceito e discriminação envolvendo alunos venezuelanos recém-chegados em 2022, além de dificuldades no desempenho acadêmico e na aprendizagem do português. A partir desses relatos, construímos duas frentes de trabalho. A primeira, conduzida pela equipe da PARES/Cáritas RJ, consistiu em encontros de sensibilização da comunidade escolar – gestores, professores, alunos e funcionários – por meio de conversas interativas com pessoas em situação de refúgio no Brasil. Esses encontros permitiriam à escola conhecer relatos de vida de mulheres e jovens venezuelanos, criando espaços de proximidade e escuta. A segunda frente envolveu encontros semanais de mediação literária e intercultural com os alunos venezuelanos,

---

<sup>5</sup> Uma sugestão de leitura complementar sobre este projeto de extensão encontra-se em: BINES, Rosana Kohl; YAMATO, Roberto Vilchez. “Encontros e histórias com estudantes venezuelanos numa escola municipal do Rio de Janeiro”. HARTMANN [at al.]. (Org.). *Infâncias migrantes e refugiadas: acolher com arte e educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025, p. 445-464.

conduzidos pela equipe da Cátedra Sérgio Vieira de Mello PUC-Rio, composta por professores e alunos de graduação e pós-graduação, em colaboração com duas professoras da própria escola. Aos poucos, a partir da leitura de livros de literatura infantil e juvenil em rodas de conversa, foram-se construindo vínculos de confiança e afeto entre os participantes, instaurando ambientes acolhedores e favoráveis à emergência do trabalho da imaginação na costura simbólica das experiências compartilhadas. Nesse processo, fragmentos ficcionais se entrelaçam com acontecimentos vividos, formando pequenos arquivos provisórios, feitos de desenhos, palavras trocadas, silêncios, risos, fotografias, objetos confeccionados com sucata. Filigranas da experiência migratória são retramadas e reimaginadas com os materiais da ficção. Assim, surgem pequenas coleções vibrantes, em que memória e invenção permanecem em delicado estado de trânsito, ancoradas em materialidades mínimas: uma folha de papel pardo, um fantoche de meia, uma concha ao ouvido, linhas cruzadas em um desenho coletivo.

**Figura 2** – Flagrantes do Projeto de Extensão



Fonte: acervo da autora (2022).

Os “pequenos passos” também refletem uma metodologia investigativa: estudar migrações e refúgio não apenas por meio de relatórios, estatísticas ou arquivos institucionais, nem apenas a partir de redes de categorias e conceitos, mas sobretudo a partir dos “arquivos miúdos” que emergem nos encontros entre jovens leitores venezuelanos e as histórias lidas nos livros. Coisas mínimas afloram nesses ambientes temporários de acolhimento proporcionados pelos livros ilustrados. Como observa a antropóloga Michèle Petit (2010), os livros fazem às crianças uma oferta de espaço e de palavras, sobretudo àquelas temporariamente destituídas de ambos, encorajando jovens leitores a verbalizar disputas de sentido sobre a condição migrante, a encenar recomposições afetivas e a inventar novas formas de mundo a partir de fragmentos das histórias lidas e das histórias vividas. Essa experiência se entrelaça à matéria dos sonhos e das aspirações, abrindo a dimensão do possível — elemento fundamental nesse exercício de criar arquivos temporários que não se limitam a preservar o passado como mero lugar de ausências.

O pensador indiano-americano Arjun Appadurai (2013), em “Archive and Aspiration”, propõe o arquivo como prática desejante, espaço de projeção de futuros, uma espécie de “fuga para frente”. Ele argumenta que, para comunidades migrantes, o arquivo funciona como mapa diante das incertezas da vida, colaborando na construção de memórias pessoais e coletivas, que impulsionam também o cultivo da capacidade de aspirar e projetar futuros, articulando memória, imaginação e desejo.

É nesse entrelaçamento que os livros para as infâncias podem abrir frestas, perturbar rótulos e gerar sentidos inesperados sobre a experiência de migrar. Os personagens das histórias se apresentam, de forma decisiva, como sujeitos desejantes. Embora inicialmente relutantes em partir, uma vez em movimento, manifestam desejo de atravessar e chegar, demonstrando prontidão irrefreável para os recomeços, nem sempre garantidos. As narrativas encenam histórias de afetos mistos, acolhendo as dificuldades do deslocamento e da chegada a um novo lugar, sem perder de vista o potencial de reinvenção da vida em outra parte.

Não por acaso, as histórias se articulam a partir de pequenos objetos de afeição, carregados, abandonados ou encontrados pelas crianças ao longo das travessias, formando coleções portáteis em movimento. Alguns objetos se transformam em outros, para conjurar mundos sonhados que se revelam no virar das páginas. De diferentes formas, as pequenas personagens migrantes juntam coisas — às vezes palavras, perguntas ou fragmentos de memória — e com elas criam pequenos arquivos que leitores podem ativar e recombinar, inventando novas coleções e comunidades de partilha.

## **Livros ilustrados e infâncias em movimento**

Nesta seção, três livros ilustrados serão lidos como contracena ficcional à gramática humanitária que, como vimos, tende a enquadrar as crianças migrantes como figuras vulneráveis, passíveis de intervenção e tutela. E se no poema *Vietnã*, de Wislawa Szymborska, a presença dos filhos irrompe apenas no limite do dizer, protegida por uma interrupção incisiva que barra a continuidade dos versos e o desvelamento completo da cena, nas obras aqui reunidas a presença das crianças se expande, ganhando novas formas de inscrição, visibilidade e agência inventiva.

O corpus selecionado, ainda pouco explorado fora de nichos especializados como congressos e publicações voltadas à literatura infantil e juvenil, reúne obras de alta voltagem reflexiva e estética, capazes de tensionar modos hegemônicos de ver e narrar a infância em contextos de deslocamento forçado, contribuindo para o adensamento dos debates contemporâneos sobre migração de crianças e jovens. Estrategicamente, a seleção inclui obras indicadas para leitores considerados “iniciantes”, segundo critérios de classificação praticados no meio editorial da área. Esse conjunto permite sustentar o argumento de que temas complexos podem ser tratados em formatos breves e, muitas vezes, ganham maior expressividade e pungência pelo jogo de compressão e pela interação entre elementos verbo-visuais presentes nas páginas.

### **Eloísa e os bichos<sup>6</sup>**

Escrito pelo colombiano Jairo Buitrago e ilustrado pelo peruano Rafael Yockteng, parceiros em diversas outras publicações para as infâncias, o livro adota de maneira direta a perspectiva de uma criança que chega pela primeira vez a uma cidade desconhecida e encontra um mundo assustador.

---

<sup>6</sup> Abordei este livro anteriormente, em capítulo de minha autoria, intitulado “Encontros com infâncias migrantes: inquietações de pesquisa” no livro *A pesquisa em literatura e linguística: impasses do presente*, organizado por Gysele da S. Colombo-Gomes, Madalena Vaz Pinto e Victoria Wilson (Rio de Janeiro: Ed. Luzerna, 2025, p. 187-211).

**Figura 3** – *Eloísa e os Bichos*



Fonte: *Eloísa e os bichos*. Jairo Buitrago. Ilustração de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2013, p. 6-7.

A instalação de um ponto de vista “menor” é central para a narrativa: “Chegamos numa tarde, quando eu era bem pequena” (p. 7), diz a narradora logo no início da história. A narrativa em primeira pessoa, articulada à dimensão visual, desloca o olhar de diferença e ameaça convencionalmente projetado sobre o migrante estrangeiro para os “nacionais”, que aparecem nas páginas como insetos estranhos. Dessa forma, a obra embaralha estigmas e projeta na cena a subjetividade da menina, cujo olhar infantil amplifica e transforma os elementos ao redor. Um exemplo desse ponto de vista é o destaque dado a um ursinho de pelúcia caído na estrada, sozinho e à deriva, que se torna um ponto focal da percepção e do afeto da narrado

**Figura 4** – *Eloísa e os bichos*



Fonte: *Eloísa e os bichos*. Jairo Buitrago. Ilustração de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2013, p. 4-5.

“Eu não sou daqui” diz a frase diminuta no canto inferior da página à direita. Quem sussurra esta frase? A criança? O ursinho? Os dois personagens que se procuram em uníssono na cidade grande? Nessa pequena sentença, forja-se uma aliança entre a solidão do brinquedo e a solidão da criança, ambos perdidos no novo lugar. De forma lacônica, as frases avulsas vão ritmando uma história a conta-gotas. Tudo é dito em pequenas parcelas, de maneira cautelosa e tateante. Desde as primeiras cenas, constrói-se uma atenção ao pormenor em meio ao caos da cidade. O livro é projetado para crianças bem miúdas, com pouco texto, letras em bastão, ilustrações bem coloridas. Surpreendentemente, ele se tornou o mais adorado pelos adolescentes venezuelanos que participam do nosso projeto de extensão na escola municipal. O contato com a história provocou inúmeros relatos sobre a experiência de recém-chegar à cidade grande do Rio de Janeiro: ter que se virar sozinhos no novo ambiente, pegar ônibus sem reconhecer os trajetos, perder o ponto de descida, chegar a lugares desconhecidos sem falar português e com vergonha de pedir ajuda. Os jovens se sentiram profundamente vinculados às sensações de estranhamento e medo que o livro aborda com exuberância visual, em contraste com a pequena voz que ocupa o rodapé das páginas, uma voz baixa, porém destacada e audível, num mundo de excessos perigosos. A imagem solitária do ursinho de pelúcia também provocou muitas histórias de afeto pelos animais que tiveram que abandonar. Nossos alunos não cresceram em cidade grande, mas em pequenos *pueblos* rurais da Venezuela. Todos tinham animais de estimação: galinhas, coelhos, vacas, gatos, cachorros, pássaros... Uma das participantes trouxe, dias depois de nossa conversa sobre esse livro, uma foto da gatinha que havia encontrado na rua e adotado no Brasil, batizando-a de Nabi, que em coreano significa “borboleta”. Ela é uma jovem bilíngue, falante fluente do espanhol e do português, estudante da rede carioca e fã de K-pop, como tantas adolescentes ao redor do globo, evidenciando como as identidades se imbricam e se interseccionam, muito além do rótulo. A foto da gatinha inspirou desenhos e relatos sobre outros animais de quem sentiam saudades, gerando novos arquivos temporários, feitos de filigranas da experiência de migrar que não encontram superfícies de inscrição e registro nos documentos oficiais, nos protocolos de refúgio ou mesmo nas interações escolares formais. Mas num momento de distensão e pausa, reunidos em torno do livro, os jovens leitores se deparam de repente com um ursinho de pelúcia caído na rua e uma conexão potente se estabelece. A página aberta se torna receptiva à chegada de outras histórias, expandindo os sentidos e efeitos do que ali se conta.

Ao longo da história de Eloísa, os dias passam a correr mais depressa. Ela começa a se sentir mais em casa e já não se importa tanto quando o pai vai embora. “Mas nunca nos esquecemos de tudo o que deixamos para trás” (p. 35).

**Figura 5** – *Eloísa e os bichos*



Fonte: *Eloísa e os bichos*. Jairo Buitrago. Ilustração de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2013, p. 34-35.

Nesta cena, observamos de fora, através das janelas envidraçadas, a menina e seu pai dentro de casa, cada um no seu canto, absortos em tristeza. O pai segura um retrato de uma mulher, que supomos ser sua esposa, mãe de Eloísa. Por que ela não veio com a família? Onde estará agora? Viva? Morta? Chegará de repente para completar o retrato familiar e garantir o final feliz? O livro não oferece respostas, instalando um silêncio suspensivo no coração da história. A menina cabisbaixa tem sua tristeza acentuada pelas gotas de chuva que respingam nos vidros da janela, cobrindo também seu rosto com lágrimas grossas. O enquadramento da cena é oblíquo, como se uma fotografia torta tivesse sido tirada no interior do apartamento. As personagens, os quadros na parede e outros objetos na sala estão inclinados, tornando sua presença instável e escorregadia. Tudo parece prestes a escorrer e se esvaír num instante de chuva, como efeito sensível da ausência de alguém querido. Na página seguinte, encontramos Eloísa adulta, recomposta e rodeada de crianças-alunos numa sala de aula vibrante, em que ela figura de modo destacado como professora.

**Figura 6** – *Eloísa e os bichos*



Fonte: *Eloísa e os bichos*. Jairo Buitrago. Ilustração de Rafael Yockteng. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Pulo do Gato, 2013, p. 36-37.

Faz-se assim um salto temporal abrupto, que não permite deixar as emoções difíceis de ainda há pouco para trás. Como se o futuro chegasse de rompante e precisasse acomodar também a dor de outrora numa frase de emoções mistas, que diz: “Eu sei que não nasci aqui... Mas foi neste lugar que aprendi a viver” (p. 37). Onde esta história nos deixa exatamente? Como ler a metamorfose dos bichos em seres humanos ou a aparição de um único inseto vermelho que destoa na cena final? Quem é aquele intruso e que recado nos quer transmitir ao olhar diretamente para nós de modo galhofeiro e desafiador? Finais inconclusos produzem estados de perturbação e incerteza que podem ser entendidos como emoções legítimas diante da história. A narrativa não precisa terminar com um final feliz retumbante e artificial, em que todas as partes se encaixam sem deixar fios soltos. Não saber exatamente que relações convém estabelecer com as vidas ali fabuladas se torna um índice de valor da narrativa, porque nos responsabiliza a pensar ativamente na natureza dos vínculos que queremos criar com essas pequenas personagens em deslocamento. Como argumenta a crítica literária Marielle Macé (2018), em contexto diverso, ao pensar a situação migratória na França, a incerteza narrativa pode abrir espaço para a reflexão crítica e ética sobre o deslocamento. É importante desconfiar das histórias que encaminham soluções cor-de-rosa, em que as crianças cruzam fronteiras, chegam em outro país, e são recebidas prontamente com abraços carinhosos por outras crianças sensíveis e benevolentes. Nessas histórias, sem dúvida bem-intencionadas, o migrante fica “condicionado a um estado permanente de docilidade, gratidão e submissão” (Paraguassu, 2021, p. 119) com relação a quem acolhe, como adverte Fernanda Paraguassu em sua

dissertação de Mestrado, posteriormente publicada em livro sob o título de *Narrativas de infâncias refugiadas: a criança como protagonista da própria história*.

O próximo livro apresenta uma cena de acolhida que não ocorre de forma automática, tampouco constitui um pressuposto consensual. Trata-se de um processo debatido por um grupo de personagens que diverge sobre a forma adequada de receber o recém-chegado. Sentimentos como desconfiança e até violência em relação ao estrangeiro ocupam lugar central na narrativa, desnaturalizando a prerrogativa do acolhimento, que precisa ser construído e negociado a duras penas.

## **A mala**

Escrito e ilustrado por Chris Naylor-Ballesteros, artista inglês radicado na França, *A mala* já foi traduzido para mais de 20 línguas. Desde a primeira página dupla, o livro situa o leitor na condição do protagonista: “Um animal estranho chegou certo dia, todo empoeirado, cansado, triste e assustado. Ele carregava uma grande mala” (p. 5).

Na página da esquerda, vemos a montanha escarpada que o personagem acabara de vencer e uma pequena ave vermelha que acompanha, com o olhar, o deslocamento do protagonista em direção a um destino ainda desconhecido. Ele diz trazer dentro da mala uma xícara de chá, uma mesa, uma cadeira, uma pequena cozinha e uma cabana de madeira – toda a sua casa. Nas duplas de páginas seguintes, somos apresentados a um código cromático que agirá ao longo de todo o livro: a cor de cada personagem corresponde à cor das frases que eles enunciam, posicionadas logo acima de suas cabeças, no topo da página. Esse padrão visual se mantém a cada virar de páginas, até que todos os personagens estejam em cena: a ave vermelha, com os dizeres vermelhos, a lebre amarela e a raposa laranja, além do animal azul, recém-chegado, cuja espécie não é definida, reforçando sua condição de estrangeiro. O recurso visual não apenas estrutura o espaço narrativo, mas também instaura regimes de atenção e diferenciação entre as personagens, criando padrões individuais de fala e opinião, que revelam nuances na interação com o recém-chegado.

Figura 7 – *A mala*<sup>7</sup>

– Há uma mesa e uma cadeira dentro da sua mala? Impossível!

– Bem, a mala é dele, né...

– Uma mesa e uma cadeira? Verdade?

– Sim.



10

Fonte: *A mala*, Chris Naylor-Ballesteros. Tradução de Janice Florido. Campinas: Nanabooks, 2022, p. 10.

Outro código cromático no livro joga com o contraste sutil entre páginas de fundo branco e páginas de fundo sépia. Nas páginas de fundo branco, à esquerda, acontecem as interações entre os personagens no tempo presente; nas páginas de fundo sépia, à direita, objetos e paisagens do passado do protagonista ganham destaque, inscrevendo sensorialmente na narrativa espaços e tempos longínquos, trazidos para perto pelo recurso dêitico da narração verbo-visual: “Está tudo aí, na minha mala” (p. 13), afirma a criatura azul: uma xícara, uma mesa, uma cadeira, uma pequena cozinha e uma cabana de madeira. Eis os poucos elementos que constituem uma vida, formando um arquivo tangível de coisas resgatadas num momento de perigo. Cada um desses objetos recebe presença cênica destacada e, à medida que a história se desenrola, eles vão sendo posicionados em ritmo cumulativo, até formarem uma composição única que se alastra pela dupla de páginas sépias, desvelando, em plano ampliado, a paisagem afetiva do passado, transportada pelo personagem. O relato do recém-chegado provoca reações divergentes entre os animais “locais”. A diversidade cromática aqui reforça a polifonia dissensual: “Que animal estranho. Eu nunca vi nenhum igual a ele!” (p. 14), comenta a ave vermelha”. “Nem eu, mas acho que devemos deixá-lo descansar um pouco” (p. 15), diz a lebre

<sup>7</sup> Por razões de *copyright*, apenas uma imagem da obra *A Mala* foi autorizada para reprodução pela editora brasileira.

amarela. “Bem, eu não confio nem um pouco nele. Será que está falando a verdade?” (p. 15), insinua a raposa laranja. O que está em suspeição é a credibilidade do migrante, questionada diante da aparente implausibilidade de seu relato. Afinal, como poderia tudo aquilo caber dentro da mala, como alega o personagem?

Estudos em linguística aplicada têm mostrado que a performance narrativa do solicitante de refúgio é central nos processos formais de elegibilidade, pautados pela necessidade de comprovar, por meio de seu relato, um fundado temor de perseguição. A confiabilidade da história é avaliada com base na “apresentação de afirmações coerentes e plausíveis, não contradizendo factos geralmente conhecidos” (Manual sobre Procedimentos e Critérios para a Determinação da Condição de Refugiado, ACNUR, 2019, para. 42, citado em Biar & Castro, 2024, p. 498). Para as autoras, o processo de obtenção do status de refugiado depende da possibilidade de narrar e ouvir uma história, garantindo sua circulação sem obstáculos entre os diversos atores do sistema oficial de refúgio.

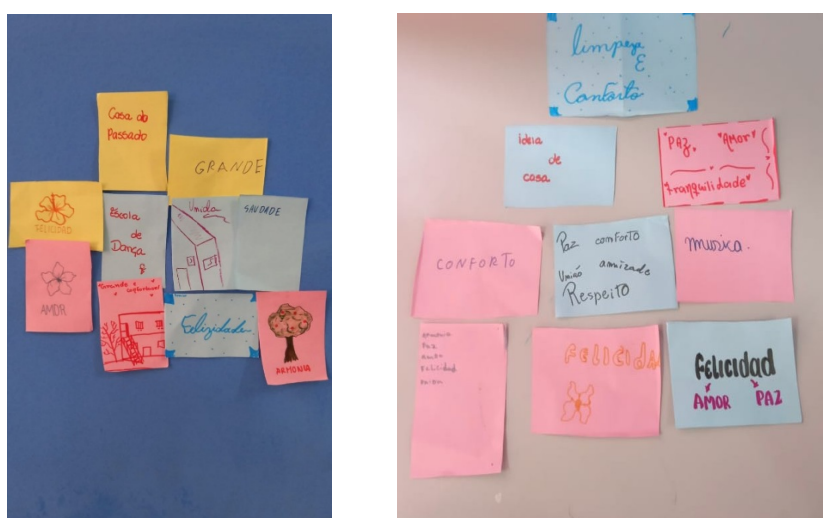
No livro *A mala*, a história contada pelo recém-chegado soa impossível para o grupo de ouvintes. Eles se revezam nas perguntas, buscando extrair a “verdade” do relato, mas ter que explicar uma e outra vez sobre o conteúdo da mala exaure o migrante, já cansado da longa viagem. Os refugiados são produzidos em “regimes narrativos exaustivos” (Facundo *apud* Biar & Castro, p. 493): a cada nova instância do processo de elegibilidade, precisam recontar a sua história de maneira persuasiva, coerente com relatos anteriores e compatível com as expectativas dos demais atores do sistema de refúgio, evitando variações ou contradições que possam comprometer sua credibilidade.

Vencido pelo duplo cansaço das interações discursivas e da longa jornada, o pequeno migrante adormece. É então que a raposa resolve arrombar a mala com uma pedra, com apoio da ave vermelha, apesar do protesto da lebre amarela. Quando a mala se rompe, estilhaçando a xícara de porcelana, descobrimos no seu interior uma fotografia antiga em tom sépia que confirma tudo aquilo que o migrante havia descrito: sua pequena casa portátil, os utensílios e objetos dentro dela. Ao acordar, o animal azul se mostra descrente diante do que outros animais fizeram. No entanto, a virada das páginas produz uma reviravolta de expectativas: primeiro, a xícara recomposta sobre a mesa de madeira; depois, a cadeira, a mala e a casa, reconstruídas pelos outros animais enquanto o migrante ainda dormia, mergulhado em pesadelos. A narrativa conclui com um detalhe bem-humorado: será preciso mais xícaras de chá para receber os vizinhos no novo lar. Nesse gesto, o recém-chegado assume simultaneamente o papel de receptor e anfitrião. Ele convida aqueles que já eram do lugar e é recebido por eles, embaralhando as fronteiras entre forasteiro e residente, quem convida e quem é convidado,

quem doa e quem recebe. Assim a história inventa uma outra forma de sociabilidade entre os animais, um sentido de comunidade literalmente construído, com prego e martelo, até erguer a casa que só se torna verdadeiramente lar quando todos se reúnem para uma xícara de chá.

O que faz uma casa? Que palavras se conectam à experiência da casa? Como era a casa do passado e a do presente? A seguir, algumas impressões dos alunos venezuelanos e brasileiros após a leitura compartilhada desse livro, atividade mediada pela Ana Carolina Veiga Braga, bolsista de iniciação científica e colaboradora do projeto.

Figura 8 – O que faz uma casa?



Fonte: acervo da autora (2025).

## Barco de histórias

Essa última história foi escrita por Kyo Maclear, autora britânica radicada em Toronto com ilustrações da artista iraniana Rahin Kheiriyeh. Um diferencial notável dessa obra, raro em livros infantis sobre migração e refúgio, é que o deslocamento é narrado como experiência coletiva. “Aqui estamos nós” (p. 6), afirma a frase de abertura. A atividade dêitica de mostraçã evidencia que os narradores se incluem no grupo maior que caminha pelas páginas, imprimindo desde o início um sentido de coletividade ao que se conta. Logo se revela que são as duas crianças no fim da fila que assumem a narração. Essa posição recuada lembra algumas cenas descritas por Walter Benjamin em *Infância Berlimense: 1900*, em que a criança anda sempre meio passo atrás da mãe, permitindo-lhe observar pormenores sensoriais que passam despercebidos pelo olhar dela. O menino retarda o momento de chegar, cultivando um passo

lento e atento às coisas ao rés do chão. Isso lhe permite atender ao chamado de elementos esquecidos pelo caminho: restos de construção, materiais desprezados e, em especial, as figuras anônimas que ficam na base dos pedestais, erigidos em louvor ao rei Frederico Guilherme e à rainha Luisa, no *Tiergarten* de Berlim:

Elevavam-se dos canteiros sobre os seus pedestais redondos, como que enfeitiçados pelas curvas mágicas que um curso de água desenhava na areia à sua frente. *Mas eu gostava mais de me voltar para os pedestais do que para os soberanos*, porque aquilo que aí se passava, se bem que pouco claro no conjunto, estava mais perto no espaço. Desde cedo percebi que há qualquer coisa de especial nesse parque labiríntico; percebi-o pelo terreno largo e banal que em nada deixava adivinhar que aqui, a pouco passos dos caminhos dos fiacres e carruagens, dormita a parte mais preciosa do parque. (Benjamin, 2013, p.78, grifo meu)

Como observa Jeanne-Marie Gagnebin (2021) no ensaio “A criança no limiar do labirinto”, essa atenção do menino à “presença constante e subterrânea dos vencidos” (p. 82), que a criança percebe por sua pequenez e marcha lenta, não é apenas sensorial, mas também política. Ao fixar-se nos detalhes marginalizados da estatuária, a criança estabelece uma aliança secreta com o que o poder oficial, com seus soberanos e monumentos, tenta subordinar.

**Figura 9** – *Barco de histórias*



Fonte: *Barco de Histórias*, Kyo Maclear. Ilustração de Rashin Kheiriyeh.  
Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021, p. 8-9.

De forma semelhante, as duas crianças no livro ralentam os passos, desprendem-se momentaneamente da marcha retilínea do grupo, e abrem pequenos desvios de rota, capazes de transformar de modo incisivo a percepção da paisagem que atravessam. Ao longo do percurso, inventam um jogo de faz de conta, colocando em cena de modo vívido o trabalho

(político) da imaginação. O significante “aqui” torna-se palavra mágica, espécie de abracadabra, motor de incessantes transformações.

“Aqui” nem sempre é igual, dizem as crianças. “Aqui” pode ser também um objeto, uma xícara “quentinha como um abraço. [...] E essa xícara é um lar” (p. 12-15). “Aqui” pode ser ainda um cobertor, “estampado e fofinho, cor de pêssego. [...] E esse cobertor é uma vela” (p. 16-18). Assim, a palavra se torna desdobrável, capaz de expandir simultaneamente os mundos que nomeia, criando vida em ato pela força da enunciação. O ensaísta Guilherme Wisnik (2022) discute essa potência a partir da conhecida canção “Livros”, de Caetano Veloso, cujos versos descrevem com intensidade o que está em jogo em *Barco de Histórias*: “Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso / (E, sem dúvida, sobretudo o verso) / É o que pode lançar mundos no mundo”.

Figura 10 – *Barco de histórias*



Fonte: *Barco de Histórias*, Kyo Maclear. Ilustração de Rashin Kheiriyeh. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021, p. 12-13.

Nesta dinâmica criativa, as crianças abrem espaços reflexivos e poéticos a partir dos objetos inventariados ao longo do caminho. Xícaras, cobertores, lanternas e flores se tornam possibilidades inesperadas de habitar espaços inóspitos. Os objetos reimaginados resistem e redefinem os lugares onde estão inseridos, por meio de um gesto de atenção e formalização narrativa que cria pontes deslizantes entre os registros referencial e metafórico. A crítica literária Leonor Arfuch (2023) observa dinâmica semelhante em contexto literário diverso, ao analisar obras da pós-ditadura latino-americana, protagonizadas por personagens crianças: pequenos objetos funcionam como contra-arquivos palpáveis, compondo uma poética de

detalhes que ancora no tangível outros modos de lembrar e narrar histórias mais nuançadas, resistentes a seguir numa única direção.

No livro de Kyo Maclear e Rashin Kheiriyeh, são esses gestos de filigrana que permitem às crianças fraturar a narrativa vitimada do refúgio, abrindo brechas para outros modos de habitar e imaginar o mundo. Também os adultos da marcha se deixam contagiar pela fabulação expansiva das crianças, fazendo coro com elas em frases como “Aqui é uma música que todo mundo sabe cantar” (p. 29). A frase se intensifica no plano visual: imagens de bocas e braços abertos em gestos largos aderem à amplidão da história contada pelas crianças.

**Figura 11** – *Barco de histórias*



Fonte: *Barco de Histórias*, Kyo Maclear. Ilustração de Rashin Kheiriyeh. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021, p. 28-29.

Frestas de respiro se abrem na dura jornada dos caminhantes, sem que a pulsão de vida escamoteie as durezas do percurso. “Às vezes é aqui só por um momento” (p. 23), elas notam. As tendas brancas das ilustrações reverberam a provisoriedade que atravessa as páginas, mas, vistas de perto, mostram também a vida que insiste: homens e mulheres cozinham, compartilham pratos de sopa, crianças brincam de esconde-esconde, pássaros esvoaçam pelo céu, o sol entardece.

Figura 12 – Barco de histórias



Fonte: *Barco de Histórias*, Kyo Maclear. Ilustração de Rashin Kheiriyeh. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021, p. 22-23.

## Considerações finais

No amplo e minucioso estudo das condições de vida em campos de refugiados ao redor do mundo, o antropólogo Michel Agier (2014) observa que, mesmo em meio ao confinamento e ao controle dos corpos nesses espaços heterotópicos, os refugiados tomam a palavra, criam sociabilidades e focos de resistência, desafiando estruturas de poder que buscam reduzi-los a vítimas passivas das circunstâncias. Isso não significa que a pulsão de vida presente nesses lugares de privação seja suficiente para dismantlar estruturas de desigualdade e dispositivos de dominação, mas que ela precisa ser reconhecida e ampliada, inclusive por meio de políticas de aliança que o campo literário pode ajudar a forjar.

Nesse sentido, como propõe Davi Lapoujade em diálogo com Etienne Souriau em *As existências mínimas* (2017), os textos não deveriam ser apenas objetos de nosso olhar e escrutínio, mas forças de deslocamento e interpelação, capazes de nos implicar em outros modos de existir. A literatura para as infâncias, nesse registro, convoca-nos a adotar o ponto de vista das crianças migrantes, “não apenas para ver o que elas veem, mas para fazê-las existir mais” (Lapoujade, 2017, p. 67). Para onde nos levam os pequenos personagens e narradores migrantes, quando nos deixamos levar por eles?

Na pesquisa, caminhamos com essa pergunta a pequenos passos, acompanhados de crianças e jovens e dos livros que as imaginam na ficção. Não emergem sínteses definitivas

nem resultados mensuráveis, mas arquivos miúdos e provisórios, construídos a muitas mãos, com pedaços de frases, desenhos, gestos, afetos, queixas, demandas, desejos. E talvez seja nesse ritmo menor, no compasso do detalhe, no desvio dos passos, na invenção do “aqui”, que a literatura para as infâncias nos convida a criar uma qualidade de atenção às filigranas da experiência de migrar, forjando outros modos de aproximação e relação com as pequenas vidas narradas.

## Referências

AGIER, Michel. *Un monde de camps*. Paris: Editions La Découverte, 2014.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARFUCH, Leonor. *A vida narrada: memória, subjetividade e política*. Tradução de Diana Klinger e Paloma Vidal. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2023.

APPADURAI, Arjun. “Archive and aspiration.” In: APPADURAI, Arjun. *The future as cultural fact*. London: Verso, 2013.

BHABHA, Jacqueline. “Arendt’s Children: Do Today’s Migrant Children Have a Right to Have Rights?” *Human Rights Quarterly*, v. 31, n. 2, p. 410–451, May 2009.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: Infância berlinense: 1900*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BIAR, Liana de Andrade; CASTRO, F.R. “A produção discursiva do refúgio: narrativas, performatividade e ideologias linguísticas no sistema brasileiro de elegibilidade.” In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 63.3, p. 490–507, set./dez. 2024.

BINES, Rosana Kohl. “Encontros com infâncias migrantes: inquietações de pesquisa”. In: Colombo-Gomes, Gysele; PINTO, Madalena Vaz; WILSON, Victoria (Orgs.). *A pesquisa em literatura e linguística: impasses do presente*, organizado por Gysele da S. Rio de Janeiro: Ed. Luzerna, 2025, pp.187-211.

BINES, Rosana Kohl; YAMATO, Roberto Vilchez. “Encontros e histórias com estudantes venezuelanos numa escola municipal do Rio de Janeiro.” In: HARTMANN [at al.]. (Org.). *Infâncias migrantes e refugiadas: acolher com arte e educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025, pp. 445-464.

BUITRAGO, Jairo; YOCKTENG, Rafael. *Eloísa e os bichos*. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

CANTINHO, Isabel. “Crianças migrantes no Brasil: vozes silenciadas e sujeitos desprotegidos.” *O Social em Questão*, n. 41, p. 155–176, 2018.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “A criança no limiar do labirinto.” In: *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2021, pp. 73-92.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Tradução de Hortência Lencastre. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MACÉ, Marielle. *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MACLEAR, Kyo; KHEIRIYEH, Rashin. *Barco de Histórias*. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2021.

NAYLOR-BALLESTEROS, Chris. *A mala*. Tradução de Janice Florido. Campinas: Nanabooks, 2022.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PARAGUASSU, Fernanda. *Narrativas de infâncias refugiadas: a criança como protagonista da própria história*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

SZYMBORSKA, Wislawa. “Vietnã”. Tradução de Regina Przybycien. Série Cadernos de Leituras, n. 89. Chão da Feira, 2019.

UNHCR – United Nations High Commissioner for Refugees. *Global Trends: Forced Displacement in 2024*. Copenhagen, Denmark: United Nations High Commissioner for Refugees, 2025.

WISNIK, Guilherme. *Lançar mundos no mundo: Caetano Veloso e o Brasil*. São Paulo: Fósforo, 2022.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v18.n40.02>

Artigo de autora convidada.